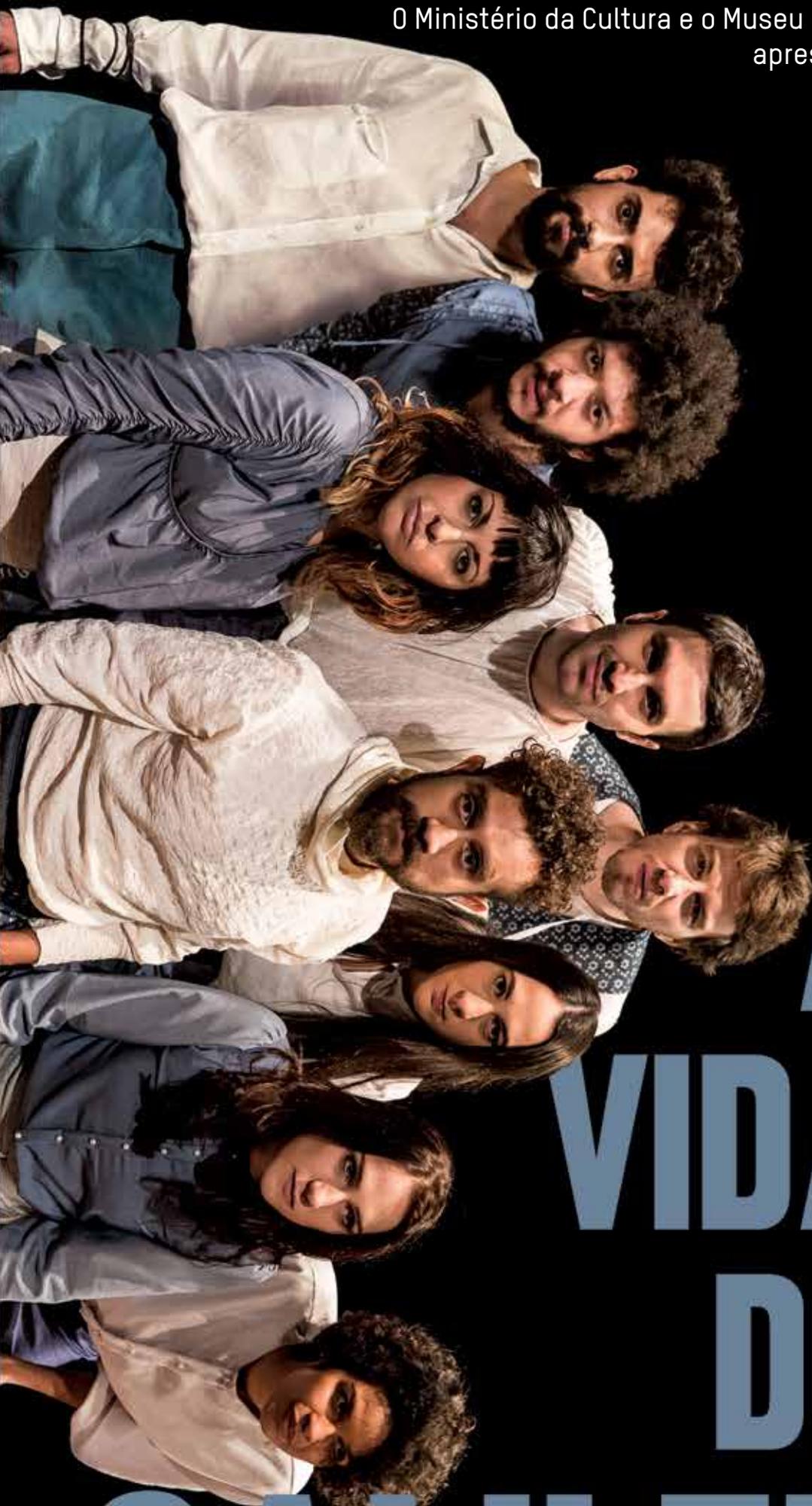


O Ministério da Cultura e o Museu da Vida
apresentam



A VIDA DE GALILEU

DE BERTOLT BRECHT

"A luta pela mensuração do céu foi ganha através da dúvida; e a credulidade da dona-de-casa romana fará que ela perca sempre de novo a sua luta pelo leite. A ciência, Sarti, está ligada às duas lutas."

Galileu Galilei em "A vida de Galileu", de Bertolt Brecht



"A vida de Galileu", uma produção do Museu da Vida, tem alguns aspectos singulares que justificam a sua encenação neste espaço, neste tempo. Nesta montagem do clássico texto de Brecht, incluímos um diálogo estreito entre as dificuldades de Galileu de expor as suas teorias e descobertas e o aniversário da reintegração de dez cientistas proeminentes do Instituto Oswaldo Cruz, da Fiocruz, na época da ditadura no Brasil.

O diálogo proposto traz uma reflexão que me parece fundamental numa época em que nuvens negras perigosamente se aproximam, apontando para perspectivas sombrias e tempos de trevas. Na época que antecede Galileu, o mundo tinha seus dogmas e esperava-se que a ciência, com sua visão contemplativa da natureza, tivesse uma posição passiva em relação aos fatos e fenômenos que cercavam o homem.

Atualmente, assistimos perplexos à tendência crescente do mundo na direção de dogmas e do obscurantismo. Parece haver um temor por parte da sociedade em relação aos homens que pensam mais na humanidade e nos direitos básicos de todos do que no lucro.

Galileu traz a força da dúvida. A dúvida como algo que inquieta, movimenta e transforma, o que acarreta revisões profundas sobre o sentido da existência do homem. Brecht faz o mesmo quando propõe que o teatro não se submeta às regras sociais, mas que estabeleça um diálogo ativo com a sociedade de seu tempo. Por isso ele mesmo revisa o texto que escreveu sobre Galileu e o transforma por três vezes ao longo da sua vida.

O Brasil não foi e não é a Itália de Galileu, mas em certos momentos podemos estabelecer semelhanças. A Santa Inquisição puniu Galileu com a prisão domiciliar, obrigando-o a abjurar publicamente a suas teorias.

Na nossa tão recente ditadura militar, dez cientistas da Fiocruz foram ceifados de suas pesquisas, que eram tão fundamentais à época, de forma arbitrária.

A sociedade italiana e o mundo de uma forma geral perderam com a prisão de Galileu. O Brasil e, podemos arvorar-nos em dizer, toda a comunidade internacional, perderam com esse aborto político injustificável.

Temos que ficar atentos para que as trevas de um mundo carregado de dogmas, que duvide da força da dúvida, não prevaleça.

Brecht propõe que ao teatro cabe intervir no mundo social, assim como a ciência de Galileu interveio na sociedade de sua época. Espero que essa montagem de Galileu traga um pouco mais de movimento a cada um dos planetas sentados na plateia.

Bom espetáculo!

Daniel Herz





“No firmamento que olhamos de noite, as estrelas resplandecem circundadas por uma densa treva. Uma vez que no universo há um número infinito de galáxias e de corpos luminosos, o escuro que vemos no céu é algo que, segundo os cientistas, necessita de uma explicação. (...) No universo em expansão, as galáxias mais remotas se distanciam de nós a uma velocidade tão grande que sua luz não consegue nos alcançar. Aquilo que percebemos como o escuro do céu é essa luz, que viaja velocíssima até nós e, no entanto, não pode nos alcançar, porque as galáxias das quais provém se distanciam a uma velocidade superior àquela da luz.

Perceber no escuro do presente essa luz que procura nos alcançar e não pode fazê-lo, isso significa ser contemporâneo. (...) ser contemporâneo é, antes de tudo, uma questão de coragem: porque significa ser capaz não apenas de manter fixo o olhar no escuro da época, mas também de perceber nesse escuro uma luz que, dirigida a nós, distancia-se infinitamente de nós. Ou ainda: ser pontual num compromisso ao qual se pode apenas faltar.”

Giorgio Agamben em “O que é o contemporâneo?”

GALILEU GALILEI

Matemático, astrônomo e físico italiano nascido em 1564, Galileu contribuiu com inventos e descobertas para a ciência. Decidido a explorar aspectos desconhecidos do universo, construiu um telescópio em 1609 com mais capacidade do que os que existiam à época. Manchas solares e os satélites de Júpiter são algumas de suas descobertas. Defendeu a teoria heliocêntrica de Copérnico, segundo a qual o Sol é o centro do universo e não a Terra, o que o fez ser perseguido pela Igreja Católica. Para fugir da fogueira, teve que negar aquilo em que acreditava.







“Pensamos, duvidamos, debatemos, criamos. Essas são as qualidades que nos distinguem e que nos tornam humanos. São, também, o alimento da ciência. Então o que acontece quando o autoritarismo reprime o livre pensamento? Quando duvidar é proibido e debater é um crime? “A Vida de Galileu”, de Bertolt Brecht, nos convida a refletir sobre as consequências. Pensemos!”

Wanda Hamilton



O MASSACRE DE MANGUINHOS

“Em abril de 1970, o governo brasileiro decretava a cassação dos direitos políticos e a aposentadoria de dez dos mais renomados pesquisadores do Instituto Oswaldo Cruz. Chegava assim a um ápice brutal um longo período de perseguições.

Impedidos de entrar em seus laboratórios, presenciando o cerco a seus colaboradores e discípulos, esses homens viram a instituição, a qual haviam dedicado mais de 30 anos de suas vidas, procurar apagar completamente os sinais de sua presença. Enfrentando vetos misteriosos a cada oportunidade de trabalho, mesmo assim continuaram lutando.

Agora, eles estão de volta. Está cumprido, assim, o nosso compromisso de reparar a injustiça feita a esses companheiros, recuperando parte de nossa história e devolvendo a essa casa sua dignidade.

Esses são nossos companheiros. Vamos recebê-los de braços abertos.”

Sergio Arouca, Manguinhos, 15/08/1986



Bertolt Brecht nunca foi montado no Museu da Vida. Mas Galileu já. Antes de sua abertura, a Tenda da Ciência Virginia Schall batizada em homenagem à pesquisadora da Fiocruz que foi uma das idealizadoras do espaço de integração entre arte e ciência no Museu da Vida, já abrigava espetáculos de teatro apresentados gratuitamente ao público. Seu objetivo: integrar ciência e arte em prol da cidadania científica de todos, em especial daqueles tradicionalmente mais excluídos. Em 1999, a peça "O Mensageiro das Estrelas" fazia uma primeira incursão ao universo de Galileu Galilei. Hoje, 17 anos depois da abertura do Museu da Vida, 60 anos após a morte de Bertolt Brecht, esse autor, tão famoso por seus textos sobre teatro científico, ainda era inédito no Museu da Vida.

Bertolt Brecht nunca foi montado no Museu da Vida. Mas já foi montado na Fiocruz. Há 30 anos atrás, a Fiocruz experimentava finalmente a consolidação do fim do ciclo da ditadura militar e uma explosão de democracia. Seu presidente na época, Sérgio Arouca, vê a contradição entre o início dessa democracia e a marca do "Massacre de Manguinhos", que pairava sobre a instituição. Durante a ditadura militar, dez dos mais notáveis cientistas dessa casa foram cassados e perseguidos e, com isso, tiveram suas carreiras interrompidas. Poucos se lembram da acusação formal, mas de fato foram perseguidos por serem livres pensadores. Finalmente, em agosto de 1986, os dez cientistas cassados pela ditadura são reintegrados ao quadro da Fiocruz, em uma bela cerimônia. Um dos marcos dessa cerimônia foi a encenação de uma das cenas de "A vida de Galileu" de Bertolt Brecht nas escadarias do Castelo Mourisco. Hoje, 30 anos depois, essas histórias voltam a se fundir: a cassação dos cientistas com os 400 anos da condenação da doutrina de Copérnico.

Por que montar Brecht hoje no Museu da Vida? Por que montar Galileu? Porque, mais do que nunca, é necessário. Porque os tempos são sombrios, e os cientistas, como todos os intelectuais, são conclamados a se posicionar politicamente. O sistema científico nacional encontra-se ameaçado, o sistema de saúde encontra-se ameaçado. Qual o nosso lado? A ciência se afasta das grandes praças e a astronomia ainda não é assunto na peixaria. Estamos indo para frente ou para trás? São muitas perguntas e Brecht, como sempre, nos ajuda a pensá-las.

Diego Vaz Bevilaqua

Presidente da Fundação Oswaldo Cruz **Paulo Gadelha**

Diretor da Casa de Oswaldo Cruz **Paulo Elían**

Chefe do Museu da Vida **Diego Vaz Bevilaqua**

Direção geral **Daniel Herz**

Direção **Daniel Herz e João Marcelo Pallottino**

Diretor assistente **Clarissa Kahane**

Tradução **Roberto Schwarz**

Adaptação do texto **Daniel Herz, Diego Vaz Bevilaqua, Letícia Guimarães e Wanda Hamilton**

Elenco: **Carol Garcia, Carol Santaroni, Ingra da Rosa, Letícia Guimarães, Lucas Drummond, Pablo Aguilar, Roberto Rodrigues, Sérgio Kauffmann e Tomaz Miranda**

Direção musical e música original **Leandro Castilho**

Cenário **Fernando Mello da Costa**

Figurino **Carla Ferraz**

Luz **Aurélio de Simoni**

Direção de movimento **Janice Botelho**

Inserção de textos "Massacre de Manguinhos" **Wanda Hamilton, Carol Garcia, Carol Santaroni, Ingra da Rosa, Letícia Guimarães, Lucas Drummond, Pablo Aguilar, Roberto Rodrigues, Sérgio Kauffmann e Tomaz Miranda**

Consultoria "Massacre de Manguinhos" **Wanda Hamilton**

Consultoria Científica **Paulo Henrique Colonese**

Idealização **Alessandro Machado, Diego Vaz Bevilaqua, Letícia Guimarães, Pablo Aguilar e Wanda Hamilton**

Videografismo **Mayara Rangel**

Programação visual **Alana Moreira**

Assessoria de Imprensa **Haendel Gomes**

Mídias digitais **NEDC/Museu da Vida e ASCOM/COC**

Fotos **Renato Mangolin**

Operação de Luz **Lívia Ataíde**

Operação de Som **Ronaldo Carlos Barboza**

Operação de Multimídia **Rafael Silvestre**

Contrarregragem **SOT/Museu da Vida**

Captação de Recursos **Escritório de Captação da Fiocruz**

Gestão Cultural **SPCOC**

Produção executiva **Mariluci Nascimento**

Direção de produção **Geraldo Casadei**

Agradecimentos

Fernanda Avellar, Daniela Muzi, Eliane Pontes, Videosaúde/ICICT/Fiocruz, José Maria, Denise Fraga, Nia Produções, Luis Fernando Donadio, André Bordalo, Alessandro Machado, Rita Alcantara, Flavia Castro, Carla Almeida, Marina Ramalho, Marta Fabíola Mayrink, André Freitas, Luciano dos Santos Almeida, Loloano Silva, Rodney Wilbert, Luisa Andrea, Fabiane Gaspar.



Local Campus Fiocruz - Manguinhos, RJ | Av. Brasil, nº 4365, passarela 6
Informações (21) 2590-6747
www.museudavida.fiocruz.br

 /museudavida

 @museudavida



PATROCÍNIO MASTER



PATROCÍNIO



REALIZAÇÃO



Ministério da Saúde
FIOCRUZ
Fundação Oswaldo Cruz

MINISTÉRIO DA SAÚDE

MINISTÉRIO DA CULTURA

